

## O *Godllywood* e a ‘mulher virtuosa’ na IURD

Alana Sá Leitão Souza<sup>1</sup>

**Resumo:** O *Godllywood* é um grupo dentro da IURD que tem como objetivo, em seus próprios termos, aliar o cuidado pessoal com o apoio social como suporte para as meninas e mulheres que querem se sentir mais próximas de Deus. A ‘mulher virtuosa’, um ideal bíblico utilizado pelo grupo, é colocada por sua fundadora – Cristiane Cardoso, uma das principais líderes da IURD atualmente - como uma mulher independente emocionalmente e empoderada no que tange as decisões de sua vida. A irmandade e o suporte entre mulheres, muitas vezes valorizados por grupos feministas, aparecem aqui como comportamento ideal entre aquelas que fazem parte do *Godllywood*. Apesar disso, elas acreditam que as mídias e o feminismo, cada um a sua maneira, desvalorizam qualidades entendidas como femininas que fazem como que as mulheres tenham muitas vezes uma relação mais próxima de Deus do que os homens – como a capacidade de cuidar e de escutar e se submeter as decisões de outros.

**Palavras-chave:** Pentecostalismo, agência; liberdade; espaço público.

### The *Godllywood* and women empowerment at UCKG

**Abstract:** *Godllywood* is a UCKG group, on its own terms, to combine personal care with social support for girls and women who want to feel closer to God. The ‘virtuous woman’, a biblical ideal used by the group, is placed by its founder - Cristiane Cardoso, one of the main leaders of UCKG nowadays - as an emotionally independent and empowered woman in the decisions of her life. Sisterhood and support among women, often valued by feminist groups, appear here as ideal behavior among those who are part of *Godllywood*. Nonetheless, they believe that the media and feminism, in their own way, devalue feminine qualities that make women often have a closer relationship to God than men - such as the ability to care, to listen, and to submit to the decisions of others.

**Keywords:** Pentecostalism; agency; freedom; public space.

### Introdução

Este trabalho utiliza como campo e objeto de pesquisa a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e suas fiéis mulheres. Foi observado especificamente um grupo dentro da IURD voltado para mulheres, o *Godllywood*, e os ensinamentos e práticas efetuados pelas fiéis e pela fundadora do grupo, Cristiane Cardoso. Esta observação possibilitou a efetuação de uma discussão sobre liberdade e empoderamento através da devoção religiosa e da presença da religião na vida pública.

---

<sup>1</sup>Doutoranda em Antropologia (PPGA-UFPE), alanasaleitao@gmail.com.

A Igreja Universal do Reino de Deus foi fundada em 1975 por Edir Macedo Bezerra, segundo os dados de sua biografia autorizada (Tavolaro, 2007). Ele é casado com Esther Bezerra com quem tem duas filhas, já adultas, e um filho adotivo ainda adolescente. Uma de suas filhas, Cristiane Cardoso, fundadora do *Godllywood* que tem assumido a liderança das fiéis da Igreja mundialmente.

Segundo os dados colhidos pelo IBGE (Censo, 2010), 22,2% da população se declara evangélica. Entre o grupo de evangélicos, 60% afirmam ser pentecostal. Estes números deixam clara a magnitude da expansão do pentecostalismo no Brasil. A IURD, em meio a este grupo, destacou-se por seu rápido crescimento - em 10 anos já possuía mais de quinhentos templos em todo o país e havia adquirido a Rede Record de televisão - pelo seu uso das mídias visando o proselitismo, sua ênfase na teologia da prosperidade, e por sua incorporação e demonização de religiões populares. Ou seja, a IURD não é necessariamente a Igreja Pentecostal que mais cresce numericamente, mas ela adquiriu alta visibilidade através de seu apelo midiático e seu envolvimento político. (Mariano, 2002).

Além dos motivos de destaque já mencionados da Igreja Universal no cenário pentecostal nacional, outros motivos de sua escolha para este trabalho, relacionados aos seus objetivos especificamente, podem ser expostos. Entre eles estão o fato de que é possível encontrar uma liderança feminina em um cenário em que a mulher não pode se tornar pastora, mas ao se tornar esposa de pastor assume responsabilidades e funções dentro da Igreja; o fato de que na IURD o uso de cosméticos e maquiagem não só é permitido como também é incentivado; também é estimulado o planejamento familiar e o uso de anticoncepcionais, entre outros. Todos estes fatores colocam a mulher fiel da IURD em uma dupla posição que nos remete ao fato de que, assim como constatou Elizabeth Brusco em *The Reformation of Machismo* (1995), através do pentecostalismo as mulheres em seus tradicionais papéis podem se tornar agentes de mudança.

Discutir as práticas e percepções desse grupo a luz das ideias de valorização feminina do próprio grupo foi como aceitar o desafio proposto por Saba Mahmood, em seu *Feminist Theory and Egyptian Islamic Revival*, de entrar em uma investigação sem assumir que suas posições políticas serão requeridas ou proferirão o fundamento da análise teórica. Essa afirmação de Mahmood é uma crítica às ideias de liberdade e emancipação vinda do feminismo que muitas vezes não leva em consideração as especificidades históricas e culturais de alguns grupos, principalmente os religiosos. Pensando desse modo me parece ser

um exercício etnográfico interessante analisar de onde vem o pesquisador e suas bases políticas para entender seu lugar no campo e o seu esforço de analisar o grupo estudado.

Crescer dentro da classe média escolarizada e católica no Brasil significa também, pelo menos na maioria dos casos e com certeza neste, entender o pentecostal como um outro distante, mesmo que se passe pelos seus fiéis e suas Igrejas todos os dias. Para mim a IURD era ainda entendida como o pior que podia haver entre estas Igrejas Pentecostais e a menção a ela era rapidamente associada à corrupção, escândalos e abuso da fraqueza alheia – caracterização estimulada por uma série de programas de televisão que faziam ‘denúncias’ sobre o assunto nos anos 1990.<sup>2</sup>

Minha escolha como antropóloga da religião em efetuar trabalho de campo na IURD teve também como objetivo a quebra desse meu imaginário da existência de um outro exótico e incompreensível. O mesmo pode ser dito da minha escolha em estudar especificamente as mulheres dessa igreja. Eu as via como mulheres que precisavam conhecer a ‘razão’ e ser ‘salvas’. Essa concepção era formada a partir de minhas ideias de ‘razão’, ‘conhecimento’, ‘ciência’ e secularização que até então eu entendia como tão irrefutáveis que a minha crença se mostrava quase religiosa. Além disso, minha concepção pessoal e política de empoderamento e libertação estavam alinhadas à das jovens universitárias de classe média que leem teoria feminista ao começar algum curso universitário em ciências humanas e, assim, as ideias de submissão e docilidade das mulheres da IURD me pareciam incompreensíveis. Como argumenta Mahmood (2001), para que sejamos aptos para discutir práticas que acreditamos inicialmente censuráveis é necessário entender os desejos, motivações, compromissos e aspirações das pessoas para as quais essas práticas importam.

### **O *Godllywood* e sua importância na vida espiritual e secular**

O *Godllywood* é um grupo voltado para mulheres na Igreja Universal do Reino de Deus e tem como objetivo, em seus próprios termos, aliar o cuidado pessoal com o apoio social como suporte para as meninas e mulheres que querem se sentir mais próximas de Deus. Ele foi criado, segundo o site do próprio projeto, através da “revolta sobre os valores errados que a nossa sociedade tem adquirido através de Hollywood” e através dele “grupos de auto-ajuda foram criados para reatar esses valores esquecidos na sociedade feminina”. O

---

<sup>2</sup>A mais famosa foi exibida em Dezembro de 1995 pelo Jornal Nacional da TV Globo.

*Godllywood* possui diferentes grupos para diferentes idades e posições da vida de uma menina ou mulher.

Cristiane Cardoso é filha do fundador da IURD, Edir Macedo, e casada com o Bispo Renato Cardoso, ambos atualmente estão à frente do maior Templo da IURD, o Templo de Salomão<sup>3</sup>, e assumem uma importante liderança dessa Igreja de modo mundial. É importante colocar desde já que ser esposa de pastor na IURD é entendido como um cargo sacerdotal que prevê uma responsabilidade sobre a congregação administrada pelo marido. Cristiane Cardoso coloca em seu blog<sup>4</sup> que foi justamente ao notar as necessidades das jovens da IURD de Houston que decidiu fundar, em 2009, o *Godllywood*, que neste primeiro momento foi chamado de *Sisterhood* e possuía grupos apenas para adolescentes e jovens.

Hoje existem três divisões por faixa etária e especificações dentro delas: *Godllywood Girls* é para as mais jovens e é dividido entre lindas (meninas entre 6 e 10 anos) e queridas (meninas entre 11 e 14 anos); o *Godllywood* é dividido entre dóceis (meninas entre 15 e 19 anos) e graciosas (jovens entre 20 e 25 anos); o ‘Mulher V’ é para mulheres a partir de 26 anos e é subdividido entre *Rutes* (mulheres solteiras), *Esters* (mulheres casadas), Déboras (esposas de pastor) e Rebecas (noivas de pastor). Os nomes dos subgrupos do ‘Mulher V’ fazem referências a personagens femininos bíblicos considerados exemplares e o próprio nome ‘Mulher V’ faz referência a uma passagem da Bíblia onde se descreve as qualidades e responsabilidades de uma ‘mulher virtuosa’ – também é título de um dos livros de Cristiane Cardoso. O grupo surge, se fundamenta e é reformado com base nas necessidades das fiéis, o que mostra a plasticidade e capacidade de adaptação da IURD e do próprio *Godllywood*.

Inicialmente Cristiane Cardoso acreditava que especificamente jovens meninas possuíam necessidades específicas que poderiam ser supridas pela Igreja – e por isso o *Godllywood* foi criado primeiramente apenas para o público adolescente e jovem e se chamava ‘*sisterhood*’. Hoje é possível ver que a própria Cristiane Cardoso e a IURD como instituição percebem que existe uma série de demandas que surgem do seu público feminino de todas as faixas etárias, os quais podem não apenas ser supridos pela Igreja, mas também usados para caracterizar a ‘mulher Iurdiana’. Desse modo o grupo está presente em todo mundo e conta com uma série de esposas de pastor que passam seus ensinamentos para as meninas e

---

<sup>3</sup>O templo de Salomão da IURD é uma réplica do Templo de Salomão descrito na Bíblia. Ele está localizado no bairro do Brás na cidade de São Paulo e foi inaugurado em 31 de julho de 2014, com a presença de políticos, empresários, pastores de outras denominações e pastores e fiéis da IURD.

<sup>4</sup><http://blogs.universal.org/cristianecardoso>

mulheres que fazem parte do grupo e essas também repassam o que aprenderam para os membros mais jovens.

Aqui começo a estabelecer um paralelo com o trabalho de Mahmood– que estudou um movimento pietista de mulheres muçumanas no Egito – pois assim como ela encontrei mulheres se encontrando para ensinar outras mulheres sobre suas crenças. Tal movimento se mostra como empoderador com a entrada delas no campo do ensinamento religioso, inicialmente masculino. Contudo não se pode excluir o fato de que sua participação é estruturada e está dentro das ideias de subordinação ao desejo divino. Cristiane Cardoso alega que o *Godllywood* foi criado por que Deus a usou para ajudar meninas que precisavam viver Sua palavra de modo mais profundo, para que elas pudessem seguir virtudes, capacidades orais e éticas e formas e discursos que às vezes não são praticados por quem não adere aos valores desse grupo. Ou seja, o objetivo do movimento não é colocar a mulher em posição de destaque dentro da igreja, como podemos ver no exemplo abaixo, mas acessar formas de devoção que as deixem mais próximas de Deus – que é o que há de mais importante para os indivíduos que fazem parte da IURD.

“Quando a jovem escolhe entrar para o *Sisterhood*, ela escolhe a melhor parte. Ela decide se submeter a tarefas que foram e continuarão sendo requeridas por um só motivo: mudar para a honra e glória do Senhor Jesus.”  
(<http://blogs.universal.org/cristianecardoso/pt/maria-e-o-sisterhood/#sthash.yldqLbXZ.dpuf>)

Um dos pontos que mais chamam a atenção entre os não membros do *Godllywood* são as regras ao se vestir.<sup>5</sup> Novamente estudos sobre as práticas islâmicas nos trazem pistas interessantes no caso da vestimenta pentecostal, nesse caso ‘iurdiana’. Autores que pesquisaram o uso do véu entre as muçumanas (Mahmood, 2001; Geertz, 1997; Abu-Lughod, 2002) puderam constatar que o uso do véu mais do que uma demarcação externa de pertencimento a uma religião ou cultura é entendido como vestimenta que marca a modéstia e devoção que são entendidas como importantes no relacionamento íntimo com o divino. Do mesmo modo, as regras de vestimenta do *Godllywood* são entendidas pelos seus membros como modo de agradar a Deus. Vestir-se do modo considerado elegante e seguindo alguns padrões da moda, mas com descrição e modéstia é percebido como externalizar a beleza de

---

5As meninas que entram no grupo recebem a lista do não que inclui uma série de comportamentos que elas não devem ter, incluindo roupas que não devem vestir. Entre o que é proibido na vestimenta esta mini saias, shorts curtos, tomara que caia, jeans para ir a Igreja, cores de esmalte como preto, azul e verde, etc.

seu relacionamento íntimo e interior com Deus. Nas palavras da fundadora do grupo quando se tem um relacionamento íntimo com Jesus “as pessoas querem saber quem você é, porque você é do jeito que é, qual a sua história, o que você tem de tão especial, porque se sentem tão atraídos a você... mal sabem elas que não é você, mas o perfume do seu Amado (Jesus) em você”<sup>6</sup>.

Como aponta Lila Abu-Lughod, todo antropólogo sabe bem que as pessoas – pelos menos as que não tem a transgressão como objetivo - são guiadas pelos padrões compartilhados socialmente, crenças religiosas e ideias morais ao se vestir e todos sabem que não se pode ir de shorts para a ópera, ou de biquíni ou sunga para a universidade. No caso estudado é necessário se vestir como alguém que estabeleceu esse relacionamento com Deus, mas só o ato de se vestir não é suficiente, o exterior e o interior precisam passar por um processo de aprendizado e sincronização. T. R., 19 anos, uma de minhas informantes, afirmou que no passado seguia todas as práticas, mas que não o fazia por Deus, e que quando finalmente teve um encontro com Ele a sua fé se tornou mais forte e ela entendeu o verdadeiro sentido de agir como e ser uma ‘mulher de Deus’.

A complicada relação entre aprendizado, memória, experiência e embasamento do self do modelo de pedagogia seguido pelas participantes foi discutido por pesquisadores através do termo em latim *habitus*<sup>7</sup>, que significa uma aptidão adquirida na qual corpo, mente e emoções são simultaneamente treinados para alcançar competência em algo. *Habitus* em seu significado aristotélico, adotado posteriormente pelas tradições monoteístas, refere-se a um processo pedagógico específico pelo qual virtudes morais são adquiridas através da coordenação de um comportamento exterior com disposições interiores. Nesse uso *habitus* se refere a um esforço consciente de reorientar desejos trazidos por razões íntimas, ações exteriores, inclinações e emoções através da repetição das práticas e obras virtuosas<sup>8</sup>. Nessas práticas simbólicas não há apenas um controle dos corpos femininos por autoridades religiosas masculinas, mas conceitos através dos quais a mente e o corpo são articulados e formam um *self* disciplinado. (Mahmood, 2001)

<sup>6</sup><http://blogs.universal.org/cristianecardoso/pt/perfume/#sthash.ZOKGbZIL.dpuf>

<sup>7</sup>O termo “habitus” não é o da teoria de Bordieu, na qual os indivíduos incorporam disposições através de um processo inconsciente formando a estrutura das posições de classe.

<sup>8</sup>Essa noção pode parecer similar a de performance de Bultler pois ambas enfatizam o fato de que é na repetida performance de práticas que a vontade, desejo, intelecto e corpo começa a tomar uma forma particular. Contudo a ideia de performance de Bultler compreende que esta pode ter sucesso ou falhar e quando falha é entendida como possibilidade de alterar as normas. Em contraste esse outro modelo de performance enfatiza o caráter cumulativo de performances e as diferenças entre cada performance são pensadas em termos de quão bem sucedidas foram em aprofundar as disposições no corpo e mente do indivíduo.

Como já apresentado anteriormente, e discutido em trabalho prévio (Campos & Souza, 2017), uma série de técnicas voltadas às mulheres da Igreja Universal do Reino de Deus não são necessariamente religiosas. É possível encontrar práticas e produtos midiáticos similares ao utilizados por esta Igreja – livros de autoajuda, programas televisivos sobre relacionamento e mesmo grupos sociais voltados às mulheres – que podem ser configurados como seculares. O caso do processo seletivo do *Godllywood* é muito interessante neste sentido, pois entre os desafios que devem ser cumpridos é possível encontrar arrumar a casa, promover um chá para suas amigas, fazer um penteado diferente por semana. Por mais que estas práticas aparentem ser apenas comezinhas, da vida cotidiana, aqui elas assumem um caráter diferenciado, pois o seu principal objetivo é o desenvolvimento de uma relação com o divino, são feitas para a realização da ‘obra de Deus’.

É interessante constatar estes aspectos a luz da teoria de Suzan Harding (2009). Para esta autora existem práticas que são anômalas e que não podem ser restritas a uma das categorias de religioso ou secular. São práticas híbridas que estão colocadas justamente na fronteira entre estas duas categorias. Harding chama essas práticas de ‘transevangélicas’. Assim como outros ‘trans’ – transexualidade, transdisciplinaridade, transnacionalismo – estas práticas são resistentes a categorias fixas, são fluidas. (Harding, 2009)

Ao utilizarmos as ideias de Harding para pensar o caso aqui discutido, percebemos que é mais adequado o uso do termo ‘transreligioso’, em detrimento de ‘transevangélico’, pois as práticas aqui examinadas não se inserem ambigualmente somente na categoria de evangélico, mas também na categoria religioso. Os ensinamentos existentes no *Godllywood* - assim como o vinculado na mídia por Cristiane Cardoso - são de práticas corriqueiras, da vida cotidiana, mas estas práticas não apenas estão inseridas dentro de uma Igreja, mas justificadas em uma ordem transcendental. Uma mulher deve ser ‘virtuosa’, pois existem exaltações a esta mulher na bíblia. (Campos e Souza, 2017)

Tendo em vista este aspecto ‘transreligioso’ e o fato de que os ensinamentos do grupo são feitos em nome e com o objetivo de atingir o sagrado, mas são exercidos de modo cotidiano e, muitas vezes em espaços entendidos como seculares, parece importante pensar aqui a religião no espaço público. Para Talal Asad (1993) a tentativa de definir a religião como um conceito aplicado universalmente seria moderna e depende do contexto histórico e social particular estudado. Partindo desta percepção, Asad nos mostra que o religioso e o secular estão intensamente intrincados e que a necessidade de distinguir ambos é um produto

dos estados seculares modernos. As representações nos Estados modernos de secular e religioso seriam de fundamental importância na construção das experiências da população. Assim a antropologia deveria dedicar-se a entender o papel dessas definições na sociedade. (Asad, 1993)

Esta percepção de Asad da distinção entre secular e religioso como produto da modernidade também nos é cara, pois possibilita o exame das práticas aqui analisadas não apenas como uma inversão do que seria comum na contemporaneidade, mas como uma negação da secularização como um dado empírico e inquestionável. Como nos mostra Berger e Zijderveld (2012), não é por que as pessoas têm a oportunidade de fazerem escolhas seculares que elas não optarão por escolhas religiosas. Assim, no grupo aqui analisado, práticas que são entendidas como não religiosas dentro da percepção moderna ocidental - como o cuidado com o corpo, com a casa, a escolha de um parceiro para o casamento, e no caso da IURD em geral a escolha dos candidatos políticos durante as eleições - são colocadas dentro do espectro do que agrada a Deus.

Além disso, Berger (2000) nos mostra que nem todos se sentem confortáveis com a característica da modernidade de acabar com as certezas que existiam até então – inclusive ao perceber que nela existem simultaneamente processos de secularização e de dessecularização. Dentro deste quadro plural onde há diversas possibilidades e uma dúvida constante de se a escolha tomada foi a correta, uma série de indivíduos aderem a movimentos religiosos que asseguram certezas na percepção de mundo, grupos muitas vezes chamados de fundamentalistas. Estes grupos, afirmam Berger e Zijderveld (2012), não são tradicionais, eles costumam ter um caráter relativamente novo que os leva a afirmar de modo estrito as suas crenças para que elas sejam levadas em consideração. É neste sentido que as práticas e posturas tidas como ideais e exemplificadas por Cristiane Cardoso e pelo *Godllywood* são postos para as fiéis da IURD. Nas palavras da própria Cristiane:

“Nós obviamente desejamos fazer com que as jovens moças se tornem mulheres de Deus exemplares. Mas isso só pode se tornar possível quando os princípios de Deus são vividos e valorizados acima de tudo que o mundo tem para oferecer. A direção comum que o mundo está levando as mulheres está as desviando da felicidade e das responsabilidades que nos foram dadas desde o tempo da Criação. Nossa singularidade como mulheres tem sido ofuscada pelas filosofias do feminismo e pela a imoralidade que preenche todos os aspectos de nossa cultura. *Godllywood* foi feito para ser um refúgio das atitudes negativas e

também um lugar onde a verdadeira feminilidade pode crescer e florescer através do ensinamento baseado nos mandamentos bíblicos, do encorajamento da liderança, e dos laços de amizade que serão formados com outras jovens mulheres de fé. Muitas mulheres estão perguntando, ‘O quê significa ser uma mulher completa?’ Nosso objetivo é ser uma resposta viva a esta pergunta, um exemplo para o mundo a nossa volta de que os caminhos de Deus nos levam para uma vida melhor e abundante que se possa imaginar!”

Dentro da comunidade feminina da Igreja Universal do Reino de Deus, Cristiane Cardoso e o seu *Godllywood* representam a segurança do modo correto do comportamento da mulher de Deus. Se muitas mulheres se sentem perdidas com a pluralidade das possibilidades do exercício do significado de ser mulher no mundo contemporâneo, a afiliação a IURD e as suas perspectivas estritas do comportamento feminino juntamente com uma líder que exemplifica o significado disso e a uma rede de suporte que apoia a fiel em se tornar esta mulher ideal de Deus, garantem uma certeza e uma segurança não encontrada na perspectiva anterior. Os projetos, livros, programas de TV e rádio e blog da Cristiane Cardoso – e mesmo de outras líderes menores dentro da IURD - enviam para estas mulheres uma mensagem isenta de dúvidas de qual é o papel da mulher não só dentro da comunidade religiosa, mas na sociedade em geral

### **Agência e Liberdade**

Para prosseguirmos nossa discussão sobre o liberdade e agência das integrantes do *Godllywood* é importante entender quem são essas meninas e mulheres. Grande parte do corpo de fiéis da IURD é formada por mulheres. E diferentes são os motivos individuais que levam estas mulheres a se converter, muitas vezes contra a vontade de seus maridos ou família. Uma de nossas entrevistadas, S. J., 45 anos, declarou vir de uma família católica tradicional de classe média que não estava de acordo com sua conversão, mas que na IURD ela afirmou ter encontrado a verdadeira fé.

A importância da categoria gênero para o entendimento da ambivalência das trajetórias religiosas já foi ressaltada por Márcia Thereza Couto (2002). As mulheres são mais ativas quanto ao proselitismo e o motivo da conversão difere quanto ao gênero. Os motivos das mulheres estão mais ligados à ordem conjugal-familiar, espiritual e de saúde. Já os motivos

dos homens estão ligados à saúde, ao alcoolismo, ao desemprego, a um chamado especial, e ao ‘livramento’.

Contudo, o que nos chama a atenção são os efeitos de uma série de práticas que são destinadas ao público feminino ou que o afetam de alguma forma. A Igreja Universal de modo institucional prega a necessidade das famílias executarem um planejamento familiar e da utilização de métodos anticoncepcionais com este fim. No processo de seleção para todos os grupos do *Godllywood* as meninas e mulheres têm que ler livros específicos e escrever seu entendimento sobre eles, o que amplia suas faculdades críticas e intelectuais. Além disso, o *Godllywood* também possui projetos (Raabe, Tamar, Mães em Oração, Desafios *Godllywood*) para fornecer apoio a mulheres em distintas situações – que serão explicitados mais adiante.

Podemos ver aqui que, como também nos mostra Elizabeth Brusco (1995) em seu *The Reformation of Machismo*, através do pentecostalismo as mulheres em seus tradicionais papéis podem se tornar agentes de mudança. Ou seja, não é que se abra espaço para a entrada das mulheres no que é considerado de âmbito masculino, mas se dá uma valorização do que é considerado feminino. Também há a promoção dos interesses femininos quanto ao fato de que características consideradas masculinas, como a traição e o gasto com a bebida, são desestimulados, forçando os homens adeptos ao pentecostalismo a voltar-se para questões de âmbito familiar (Brusco, 1995).

Neste sentido, na IURD pudemos constatar a existência da crença na submissão da mulher. Empregamos aqui de modo ilustrativo, o depoimento de uma fiel quanto ao assunto. A.T., 22 anos, afirmou que toda mulher no fundo sabe que é dependente e se sente desamparada e que ao chegar à igreja, esta mulher descobre que esta dependência é quanto a Deus e que Ele a aceitaria ‘do jeitinho que ela é’. A mesma fiel disse em sua fala que os homens teriam mais dificuldade de aceitar a presença e a submissão a Deus para suas vidas, pois para eles tudo seria resolvido através da força física, enquanto que a força das mulheres seria a sentimental e a emocional.

Entender esta ideia de submissão se mostrou um empreendimento de questionamento da noção liberal e secular de liberdade. O ideal de mulher submissa da IURD e nas igrejas pentecostais em geral parece encontrar uma dificuldade de compreensão – e mesmo aceitação - em espaços mais seculares – como podemos constatar durante trabalho de campo e mesmo durante a apresentação destas ideias entre estudantes universitários. Abul-Lughod (2002) nos questiona como podemos definir liberdade se aceitamos a premissa de que humanos são seres

sociais, criados sempre dentro de um contexto social e histórico específico e pertencendo a comunidades particulares que formam seus desejos e compreensões de mundo. Quando acreditamos que podemos libertar mulheres de sua própria cultura ou religião estamos reforçando a ideia de superioridade de um suposto sistema de crenças ocidental secular moderno democrático.

Mahmood (2001), em importante pesquisa sobre um grupo pietista de mulheres mulçumanas no Cairo, nos lembra que a ideia de liberdade feminista vem de uma matriz ocidental, liberal, secular que pensa o desejo de libertação das relações de subordinação, e no caso das mulheres da dominação masculina, como universal e que não consegue compreender realidades de agência e empoderamento feminino que não cumpram essa agenda. A noção de liberdade liberal coloca que para que o indivíduo seja livre é necessário que suas ações sejam conseqüências de seu ‘desejo próprio’, que surgiriam de um ‘verdadeiro arbítrio’ e não de costumes, tradições, ou coerções diretas.

As mulheres do movimento de devoção de Mahmood e as que compõe o *Godllywood* entendem liberdade de outro modo. Na concepção das minhas informantes liberdade é se libertar dos julgos mundanos e se submeter a Deus. Essa submissão a Deus se reflete também na submissão da mulher ao homem. Em seu livro *Melhor do que comprar sapatos* a fundadora do *Godllywood*, Cristiane Cardoso, usa trechos da bíblia para ensinar as leitoras que Deus criou a mulher para ser submissa ao homem, mas que isso “não significa torna-se escrava ou capacho” (Cardoso, 2011: 223), “não significa que a esposa deva se submeter ao ponto de se magoar, perder sua fé ou, até mesmo, destruir o próprio marido” (Cardoso, 2011: 225).

É importante ressaltar que não se está questionando aqui – e certamente também não era intenção das autoras citadas até então - a importância e transformação realizada através do discurso liberal de liberdade e emancipação na vida de mulheres em todo o mundo, mas é necessário não naturalizá-las. Mahmood (2002) nos lembra que se aceitamos a ideia de que o desejo é socialmente construído, então é importante interrogar as condições através das quais diferentes formas de desejo emergem, incluindo o de submissão, mas também os desejos que emergiram com as políticas feministas. Essa autora também nos alerta que o que ela está clamando não é que restrinjamos nossa análise aos termos usados pelas pessoas que estudamos, mas que atenção deve ser prestada aos processos de tradução.

Neste caso a submissão feminina é entendida como maior facilidade para se aproximar e servir a Deus, ou seja, ser submissa se torna um aspecto positivo, pois as conduz para o que é entendido pelo grupo como mais importante para todos os indivíduos, um íntimo relacionamento com Deus. Além disso, esta submissão não significa que aos homens está aberto tomar atitudes quanto as suas esposas da forma que bem entendem. As atitudes que devem ser tomadas dentro de um casamento são discutidas e ensinadas constantemente por diversos meios pela IURD.

A própria Cristiane Cardoso, juntamente com o seu marido possui um programa de TV, vinculado diariamente na Rede Record, e dois livros sobre o assunto, nos quais ensinam os compromissos de ambos, homem e mulher, dentro de um casamento. Neles fica claro que o âmbito do cuidado e do carinho deixa de ser exclusividade da mulher e passa a ser fundamental para o homem. Eles também apontam que um verdadeiro homem de Deus consulta a sua esposa e leva em consideração suas opiniões e desejos ao tomar decisões. Foi possível encontrar a seguinte afirmação sobre o assunto em um dos livros de Cristiane Cardoso. “Quando Deus criou o casamento, a intenção d’Ele era de estabelecer o homem como autoridade para que este pudesse cuidar da mulher, e não inferiorizá-la” (Cardoso, 2011:221).

Mariz & Machado também estudam o tema e possuem ideias semelhantes às discutidas até então. Para elas o pentecostalismo acaba sendo menos machista do que a sociedade em geral, pois, apesar de ressaltar valores patriarcais, da base às mulheres nas suas “lutas de pequeno alcance” (Mariz; Machado, 1994). Dentro da Igreja Universal o *Godllywood* se mostra de fundamental importância para dar suporte às mulheres em diferentes setores e problemas de suas vidas, mesmo no caso das que não fazem parte do grupo.

As reuniões e eventos do grupo são fechados às meninas e mulheres integrantes deles, mas existe a possibilidade de seguir certos ensinamentos do grupo através do blog da Cristiane Cardoso - que apresenta uma série de ‘desafios’ (tarefas) para ajudar meninas e mulheres a ‘crescerem espiritualmente’ – e o grupo também possui projetos para auxiliar mulheres em situações específicas. Estes projetos são três, o Raabe, o T-amar e o Mães em Oração.

O Raabe auxilia mulheres que sofreram violência doméstica e oferece a ajuda profissional de uma advogada, uma assistente social e uma psicóloga. Além disso, também realizam uma marcha anual contra a violência doméstica. No dia da marcha, uma reunião sob

o comando da esposa do bispo da região é realizada e nela há palestras com profissionais das áreas citadas anteriormente para dar apoio às mulheres que estejam sofrendo violência e conscientizar o público em geral sobre a necessidade de ajudar essas mulheres. Semanas antes do evento, assim como eu, todas as mulheres que frequentavam as reuniões eram convocadas a mudar o quadro de violência doméstica do país. Além de oferecer a ajuda de profissionais que ficaram a disposição para atender as mulheres que assim desejassem, as esposas de pastor também se encontravam nessa posição de atendimento para oferecer - nos termos usado por elas - ‘ajuda espiritual’. As mulheres que procuraram a ajuda da Igreja neste dia foram presenteadas com uma rosa branca e um exemplar de ‘A Mulher V’ de Cristiane Cardoso.

Participar deste evento foi de grande relevância durante a etnografia que constituiu este trabalho. Este evento deixou claro que a mulher é entendida como agente de mudança social e principal tomadora de decisões no que tange sua própria vida. Aqui a percepção simultânea da mulher como submissa e como agente não é contraditória. Sugerimos agência (baseado em autores como Asad 2000 e Mahmood, 2001), não como sinônimo de resistência as relações de dominação, mas como a capacidade de ação dentro de relações específicas de dominação de realizar seus interesses mesmo contra os costumes, tradições, mandos transcendentais e outros obstáculos. Em *Agency and Pain*, Talal Asad (2000) questionou os modos como a ideia de agência tem sido utilizada na antropologia recente como consciência e responsabilidade por uma progressiva mudança de consciência dos atores. Para ele, agência não é apenas a capacidade progressiva de mudança, mas também a capacidade de suportar, sofrer e persistir

Mahmood (2001) coloca que se a habilidade de efetuar mudanças no mundo e em si mesmo é historicamente e culturalmente específica, então significa que não pode ser fixada a priori, mas pode emergir através da análise de redes particulares de conceitos que autorizam modos específicos de existência, responsabilidade e efetividade. Visto desse modo o que poderia ser um caso de deplorável passividade e docilidade de um ponto de vista progressista, mostra-se na verdade como uma forma de agência, que pode ser entendida dentro do contexto do discurso de estruturas de subordinação que criam as condições de sua comprovação. Nesse caso a capacidade de agência não é atribuída apenas àqueles a quem os atos resultam em mudanças (progressistas), mas também àqueles que objetivam a continuidade e estabilidade.

Para esta autora apesar de entendermos a categoria de docilidade – utilizada no grupo estudado por ela e que encontra espaço também no grupo pensado aqui - como abandono da

agência, na verdade o termo implica a maleabilidade necessária para que alguém seja instruído em uma habilidade ou conhecimento específico. Docilidade não significa passividade mas, ao contrário, luta, esforço, empenho e empreendimento. As ideias liberais de agência e liberdade parecem não se encaixar nessas realidades. Apesar de sua importância, esse modelo não permitiu compreender e pensar as vidas de mulheres cujos desejos, afetos e vontades foram formados por uma tradição não liberal. (Mahmood, 2001)

Dentro de toda a rede de apoio criada pelo *Godllywood*, encontra-se, entre os membros, aquelas que almejam ser “mulheres virtuosas”, um discurso de maior valorização de si mesma após a entrada no grupo, assim como do encontro com amigas que também as valorizam e aceitam. As meninas que querem fazer parte do grupo enfatizam que querem encontrar justamente o que as meninas que já fazem parte ressaltam que existe dentro do grupo. No relato de quem faz parte do grupo foi muito comum encontrar afirmações sobre o *Godllywood* como “minha vida mudou depois de entrar no *Godllywood*”, “passei a me valorizar e a me aceitar”, “encontrei pessoas que me valorizam e me aceitam”, “entrei em maior comunhão com Deus”.

## Referências

ABU-LUGHOD, Lila. 2002. *Do Muslim Women Really Need Saving ? anthropological reflections on cultural relativism and its others*. American Anthropologist 104(3): 783-790.

ASAD, Talal. 1993. *Genealogies of Religion: discipline and reason of power in Christianity and Islam*. London: Johns Hopkins University Press.

ASAD, Talal. 2000. *Agency and Pain. Culture and Religion*. 1(1):29-60.

BERGER, Peter. 2001. *A dessecularização do Mundo: uma visão global*. Religião e Sociedade. Rio de Janeiro, v.21, n.1, p.9-24.

BERGER, Peter. & ZIJDERVELD, Anton. 2012. *Em Favor da Dívida*. Rio de Janeiro: Elsevier.

BIRMAN, Patrícia. 1996. *Mediações Femininas e Identidades Pentecostais*. *Cadernos Pagu*, (6-7): 201-226.

BRUSCO, Elizabeth. 1995. *The Reformation of Machismo*. EUA, Univesit of Texas Press.

CAMPOS, Roberta. 1995. *Emoção, Magia, Ética e Racionalização: as múltiplas faces da Igreja Universal do Reino de Deus*. 166f. Dissertação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, mimeo.

CAMPOS, Roberta. & SOUZA, Alana. 2017. *Godllywood de Cristiane Cardoso: uma etnografia do transreligioso*. Revista de Antropologia da USP.

CARDOSO, Cristiane. 2011. *Melhor do que comprar sapatos*. Rio de Janeiro: Unipro editora.

CARDOSO, Cristiane. 2011. *A Mulher V*. Rio de Janeiro: Unipro editora.

COUTO, Márcia Thereza. 2002. *Gênero, família e pertencimento religioso na redefinição de ethos masculinos e femininos*. *Anthropológicas*. 4(3).

GEERTZ, Clifford. 1997. *O Saber Local*. Petrópolis, editora Vozes.

HARDING, Suzan. 2009. *Revolve, the Biblezine in BIELO*, James S. (org.) *The Social Life of Scriptures: cross-cultural perspective on Biblicism*. Rutgers University Press.

MAHMOOD, Saba. 2001. *Feminist Theory, Embodiment, and the Docile Agent: Some Reflections on the Egyptian Islamic Revival*. *Cultural Anthropology*. 16(2): 202-236.

MARIANO, Ricardo. 2004. *Expansão Pentecostal no Brasil: O caso da Igreja Universal*. *Estudos Avançados*. 18 (52): p. 121-138.

Mariz, Cecília L. & Machado, Maria das Dores Campos. 1994. *Pentecostalismo e a Redefinição do Feminino*. *Religião e Sociedade*. 17(1-2).

RUBIM, Tânia. 2011. *Escolhida para o Altar*. Rio de Janeiro: Unipro editora.

TAVOLARO, Douglas. 2007. *O bispo: a história revelada de Edir Macedo*. São Paulo, editora Lafonte.